

## A LEITURA UNAMUNIANA DE DON QUIJOTE DE LA MANCHA

(Cristiane Agnes Stolet Correia / Doutoranda em Ciência da Literatura)

Vários são os estudos de Miguel de Unamuno dedicados a pensar a obra mestra cervantina, entre eles vale destacar o texto *Vida de Don Quijote y Sancho*, onde, após uma introdução denominada “El sepulcro de Don Quijote” e diversos prólogos (que vão sendo acrescentados a cada edição), o autor propõe-se a comentar cada capítulo do romance de Cervantes. A introdução e os prólogos mencionados, juntamente com o texto *El Caballero de la triste figura e os ensaios unamunianos* “Quijotismo”, “Glosas al «Quijote»” e “La causa del quijotismo” serão o mote principal para apresentar o personagem Don Quixote sob a perspectiva do pensador espanhol em questão.

A história de *Don Quijote de la Mancha* tem início quando o fidalgo Quijada ou Quesada resolve autodenominar-se cavaleiro andante, já com seus cinquenta anos. O que ele viveu antes não interessa ao autor enquanto descrição de um passado, mas somente enquanto atualização no que ele é no auge dos seus cinquenta anos. De Quijada/Quesada nasce Don Quixote, aquele que se põe a caminho com o intuito de salvar o mundo e ganhar fama, ou seja, que almeja viver sua história como cavaleiro andante e viver na história, permanecendo na memória dos povos vindouros.

Unamuno declarou diversas vezes que os personagens são filhos do autor, ou mais: que são o próprio autor. Portanto, a declaração do escritor em *Do sentimento trágico da vida nos homens e nos povos* poderia estar facilmente na boca do *Don Quijote* unamuniano, considerando que Miguel de Unamuno se apropriou do personagem cervantino, recriando-o:

O universo visível, o universo que é filho do instinto de conservação, me é estreito, como uma jaula pequena para mim e contra cujas barras minha alma bate em seus vãos; falta-me no ar o que respirar. Mais, mais, cada vez mais, quero ser eu e, sem deixar de sê-lo, ser ademais os outros, adentrar a totalidade das coisas visíveis e invisíveis, estender-me ao ilimitado do espaço e prolongar-me ao inacabável do tempo. (UNAMUNO, 1996, p. 38).

O senhor Quijada/Quesada não se contentava com o pequeno espaço no qual estava acomodado nem com o pouco tempo que lhe restava. A lógica da visibilidade humana já não lhe era suficiente. Precisava “adentrar a totalidade das coisas visíveis e *invisíveis*” (grifo nosso) e, para tanto, tinha que buscar ultrapassar os limites da sua existência. Antes de fazer-se cavaleiro andante, o visível já clamava pelo invisível. *Alonso el Bueno* começou a sentir a necessidade de alimentar a própria imaginação, de autodenominar-se outro para sentir-se mais a si mesmo, desdobrava-se, assim, no invisível aos olhos alheios. Deste desdobramento, surge *Don Quijote de la Mancha*.

Motivado e inspirado pelas leituras que fazia, pela própria força poética sentida, pôs-se a caminhar disposto a ampliar sua visibilidade, a abrir seu horizonte, a atuar na necessidade, a confiar na possibilidade da mudança e a ser insistente. Primeiro partiu sozinho, mas aconselhado a buscar um escudeiro (assim como os demais cavaleiros andantes), acatou a recomendação e, ao reiniciar sua jornada, pôde fazê-lo ao lado de Sancho Panza.

De modo geral, costuma-se enfatizar a loucura do protagonista de modo jocoso, opondo-o, inclusive, a seu escudeiro Sancho Panza. Enquanto o primeiro simbolizaria o ideal, o segundo representaria o material. Mas esta compreensão é demasiado simplista, sufocando o clamor humano-poético que voga por vir à tona. Se Sancho Panza representasse unicamente o materialismo e o realismo, por que seguiria a um suposto louco? A promessa de uma ilha vinda de alguém sem cordura não poderia ser levada a sério. “En rigor apenas se diferencian los locos de los cuerdos, sino en que éstos piensan las locuras de aquéllos, pero ni las dicen ni las hacen.”<sup>1</sup> (UNAMUNO, 1952, p. 596).

É certo: Sancho Panza nem fala nem age como seu amo. Falta-lhe uma maior dose da “generosa loucura” (UNAMUNO, 1952, p. 593), mas isso não quer dizer que ele simbolize a matéria, o real, que não tenha em seu íntimo um pouco da loucura quixotesca. Don Quixote tampouco é somente um louco desvairado (como tantas vezes querem retratá-lo), ele também preserva a “egoísta cordura de Alonso el Bueno”. (UNAMUNO, 1952, p. 593).

No ensaio “El quijotismo”, Unamuno retoma o capítulo LVIII da segunda parte da obra cervantina para comentá-lo, focando sua atenção no seguinte pensamento quixotesco: “Ellos<sup>2</sup> conquistaron el cielo a fuerza de brazos, porque el cielo padece

---

<sup>1</sup> Em rigor quase não se diferenciam os loucos dos cordos, senão que estes pensam as loucuras daqueles, mas não as dizem nem as fazem.

<sup>2</sup> O pronomes “ellos” se refere a: São Jorge, São Martinho, São Diogo Mata-mouros e São Paulo.

fuerza, y yo hasta ahora no sé lo que conquisto a fuerza de mis trabajos.”<sup>3</sup> (grifo nosso) (UNAMUNO, 1952, p. 591).

A dúvida momentânea do personagem revela a “egoísta cordura de Alonso el Bueno”. Afinal, somente um homem prudente se permitiria o questionamento acerca de uma relação consecutiva / final. Para este, trabalha-se para conquistar algo. E, se não se sabe o que é conquistado, para que trabalhar? O homem sensato razona: o esforço dos meus trabalhos deve valer uma recompensa. Se desconheço esta recompensa, talvez seja porque ela não exista. Assim, de nada valem meus trabalhos. A não consciência e a incerteza de Don Quixote acerca do que conquista abalam a sua fé. Daí a fé quixotesca ser baseada na dúvida.

Uma fé que não fosse posta em xeque não mereceria ser chamada de fé, já que não teria sido provada. Uma fé alicerçada na dúvida caminha lado a lado com a esperança: não se prende a certezas, mas também não descarta a possibilidade do acontecimento. Daí a denominação unamuniana de Don Quixote como *cavaleiro da fé*, aquele que cavalga na oscilação da sua própria fé.

Mas, como sempre, o momento passa. Assim, a cordura de *Alonso el Bueno* se oculta e dá vazão à “generosa loucura”, que reaparece quando Don Quixote se encontra “enredado en unas redes de hilo verde”. “Así, cuando más ensimismado estás en meditar la vanidad de la locura del esfuerzo de tus trabajos, verdes redes te vuelven al fresco sueño de la vida”<sup>4</sup>. (UNAMUNO, 1952, p. 593). A esperança volta a emaranhar nosso herói, que reaviva a sua capacidade de sonhar.

Se o sonho pode ser considerado como “a atividade primitiva do pensamento” (TÜRCKE, 2010, p. 51) e a loucura é o que nos introduz nas verdes redes dos sonhos, faz-se necessário um novo *elogio da loucura*, desta vez de fundo quixotesco. Afinal, o embalo primitivo é o berço do próprio pensamento.

Grande fue la locura de Don Quijote, y lo fue porque era grande la raíz de que brotaba, ese inextinguible anhelo de sobrevivirnos, que es el manantial tanto de los más desatinados desvaríos como de los más heroicos actos<sup>5</sup>. (UNAMUNO, 1952, p. 599).

<sup>3</sup> Eles conquistaram o céu à força de braços, porque o céu padece força, e eu até agora não sei o que conquisto à força de meus trabalhos.

<sup>4</sup> Enredado em umas redes de fio verde. Assim, quando mais ensimesmado está em meditar a vaidade da loucura do esforço de seus trabalhos, verdes redes o devolvem ao fresco sonho da vida.

<sup>5</sup> Grande foi a loucura de Don Quixote, e o foi porque era grande a raiz de que brotava, esse inextinguível anelo de sobreviver-nos, que é o manancial tanto dos mais desatinados desvarios como dos mais heróicos atos.

Da profundidade da raiz da loucura quixotesca podem brotar atos heróicos, ações valorosas. O puro senso de cordura não permite tirar os pés do chão nem para lançar-se rumo ao abismo nem para voar na imensidão, a sensatez solitária fixa, paralisa, permanece no estaque. O heroísmo precisa de loucura. Mas de uma loucura que seja de dentro para fora. Para dar as mãos à generosa loucura, faz-se mister reconhecer-se para engendrar-se, sonhar para viver o sonho. É o que ainda faz *Don Quijote de la Mancha*, podendo ser chamado de herói universal. “Héroes son éstos que viven y pelean y guían a los pueblos a la lucha, y en ella los sostienen, no menos reales y vivos que los de carne y hueso, tangibles y perecederos.”<sup>6</sup> (UNAMUNO, 1945, p. 75)

Don Quixote continua instigando-nos, convocando-nos à obra. Ele “supo decir a relleno sentido: ¡Yo sé quién soy!” e deve “enseñarnos a cada uno de los españoles<sup>7</sup> quién somos (...) que cada cual ha de adorar su yo y para poder adarlo hacerlo digno de adoración”<sup>8</sup>. (UNAMUNO, 1980, p. 15).

Quesada/Quijada, adentrando no seu eu, descobre-se, melhora-se, cria-se em Don Quixote. Sua pessoa e sua individualidade são reconhecidas por si mesmo e seu querer é o que o move. Fazendo de seu eu história (em um movimento egotista<sup>9</sup>, partindo do reconhecimento e do melhoramento interior para a atuação no mundo), também faz história da nação. Afinal, nação vem de nascer, e se um povo faz a nação, este povo deve ser formado por eus, por homens que vivem suas histórias pessoal e individualmente. Dos nascimentos humanos conjuntos constrói-se uma nação. Que a empreitada quixotesca não paralise pelo riso, mas instigue a cada um a colocar-se em marcha, a lutar como cavaleiros andantes. “Ponte en marcha, solo. Todos los demás solitarios irán a tu lado, aunque no los veas.”<sup>10</sup> (UNAMUNO, 2005, p. 35). Daí a força da afirmação unamuniana de que “Cervantes nos dio en 1605 la Biblia del personalismo

---

<sup>6</sup> Heróis são estes que vivem e pelejam e guiam os povos à luta, e nela os sustentam, não menos reais e vivos que os de carne e osso, tangíveis e perecíveis.

<sup>7</sup> Ensinar a cada um dos espanhóis é também ensinar a cada um dos seres humanos. Afinal, para Unamuno, quanto mais se é singular, mais se é universal.

<sup>8</sup> Soube dizer a pleno sentido: “Eu sei quem sou!” (...) ensinar-nos a cada um dos espanhóis quem somos (...) que cada qual tem que adorar seu eu e para poder adorá-lo fazê-lo digno de adoração.

<sup>9</sup> Unamuno opõe egotismo a egoísmo. Enquanto o primeiro se relaciona ao verbo “ser”, o segundo conjuga o verbo “ter”. Uma pessoa egotista, a partir do que faz de seu ser, age, ou seja, parte de um trabalho interno, de um fazer-se história, para agir no mundo, isto é, na história. Um egoísta, em contrapartida, quer trazer tudo que existe fora para si, quer possuir e deixar suas possessões guardadas, trancafiadas. Diria que a história não interessa a um egoísta, já que o fazer e o viver não fazem parte de seu mundinho ilusório construído somente por pertences.

<sup>10</sup> Ponha-se em marcha, sozinho. Todos os demais solitários irão a seu lado, ainda que não os veja.

individualista español”<sup>11</sup> (1980, p. 15). A associação de Don Quixote a um Jesus Cristo espanhol é bastante válida. Jesus também saiu sozinho e ainda hoje conquista seguidores. Assim como Jesus Cristo, Don Quixote saiu a pregar, não falando do reino de Deus, mas do reino dos homens mesmo, fazendo do seu próprio agir oração.

A sua ânsia de imortalidade reside no próprio sentimento trágico tipicamente hispânico: “La sed de sobrevivir ahogó en Don Quijote el goce de vivir.”<sup>12</sup> (UNAMUNO, 1952, p. 599). Mas se a sua generosa loucura abafou o seu gozo vital, deixou-nos ensinamentos primorosos: “Santifiquemos nuestra intención y quedará santificado el mundo, purifiquemos nuestra conciencia y puro saldrá el ambiente. Las ajenas intenciones están fuera de nuestro influjo.”<sup>13</sup> (UNAMUNO, 1952, p. 592).

Que aprendamos com a fé admirável de Don Quixote e, assim, façamo-nos e façamos nação. Que o hispanismo universal instaurado por Don Quixote inspire novos Quixotes! Se a declaração unamuniana ainda se aplica hoje de que “Don Juan vive y se agita, mientras Don Quijote duerme y sueña, y de aquí muchas de nuestras desgracias”<sup>14</sup> (UNAMUNO, 1978, p. 105), mudemos esta história, despertando o espírito quixotesco que há dentro de nós e lançando-nos enquanto seres temporais/trágicos na permanência da história.

Que a *Ladainha de Nosso Senhor Don Quixote*, escrita por Rubén Darío, encontre eco em nossas vidas:

Noble peregrino de los peregrinos,  
que santificaste todos los caminos  
con el paso augusto de tu heroicidad,  
contra las certezas, contra las conciencias  
y contra las leyes y contra las ciencias,  
contra la mentira, contra la verdad...  
[Nobre peregrino dos peregrinos,  
que santificaste todos os caminhos  
com o passo augusto de tua heroicidade,  
contra as certezas, contra as consciências  
e contra as leis e contra as ciências,  
contra a mentira, contra a verdade...]  
(<http://bib.cervantesvirtual.com>)

<sup>11</sup> Cervantes nos deu em 1605 a Bíblia do personalismo individualista espanhol.

<sup>12</sup> A sede de sobreviver sufocou em Don Quixote o gozo de viver.

<sup>13</sup> Santifiquemos nossa intenção e ficará santificado o mundo, purifiquemos nossa consciência e puro sairá o ambiente, As alheias intenções estão fora de nosso influxo.

<sup>14</sup> Don Juan vive e se agita, enquanto Don Quixote dorme e sonha, e daí muitas de nossas desgraças.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Darío, Rubén. *Letanía de Nuestro Señor Don Quijote*. Disponible en <<http://bib.cervantesvirtual.com>> Acesso em 05 agosto 2011.

Türcke, Christoph. *Filosofia do sonho*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

Unamuno, Miguel de. *Cómo se hace una novela*. Madrid: Cátedra, 2009.

Unamuno, Miguel de. *Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y en los pueblos*. Buenos Aires: Longseller, 2004.

Unamuno, Miguel de. *El caballero de la triste figura*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1945.

Unamuno, Miguel de. *Ensayos y artículos*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1980.

Unamuno, Miguel de. *Mi religión y otros ensayos*. Madrid: Espasa-Calpe, 1978.

Unamuno, Miguel de. *Obras completas V*. Madrid: Afrodisio Aguado, 1952.

Unamuno, Miguel de. *Vida de Don Quijote y Sancho*. Madrid: Alianza Editorial, 2005.